

EPÍSTOLAS E PARÁBOLAS OU DE COMO OS MILITANTES COMUNISTAS PROCURARAM SINTETIZAR FÉ E RAZÃO

Angelo José da Silva*

E, tendo ouvido a voz do Senhor Deus, que passeava pelo paraíso, à hora da brisa, depois do meio-dia, Adão e sua mulher esconderam-se da face do Senhor Deus no meio das árvores do paraíso. [...] Disse-lhe Deus: Mas quem te fez conhecer que estavas nu [...]?

Do livro do *Gênesis*

ALGUNS CONSIDERANDOS

Em 1999 foi publicado o livro *Cartas ao Comitê Central*,¹ elaborado por Hersch Basbaum, no qual é trabalhada a correspondência de Leôncio Basbaum, pai de Hersch. Leôncio foi durante muitos anos militante do Partido Comunista do Brasil, o PCB, tendo nele ingressado em 1926, com 18 anos de idade. Participou intensamente da vida partidária como militante ao longo de aproximadamente quarenta anos, sendo um dos fundadores da União da Juventude Comunista e secretário-geral do partido. A produção intelectual de Leôncio Basbaum é significativa. Seu primeiro trabalho, *A caminho da revolução*, foi publicado sob o pseudônimo de Augusto Machado na década de 1930. Nos anos 1940 vem a lume *Fundamentos do materialismo*. Seu livro de memórias, *Uma vida em seis tempos*,² constitui um trabalho esclarecedor para os estudiosos do PCB e de seus principais dirigentes. Entretanto,

sua obra mais conhecida é *História sincera da República*, com quatro volumes, publicados entre 1957 e 1967.³ Estamos, portanto, diante de um dos mais importantes militantes do PCB daquele período ou, pelo menos, deveríamos estar...

Leôncio Basbaum pode ser “classificado” como intelectual e dirigente partidário. E, pelo fato de ser intelectual, de agir orientado pelo uso da razão, é que parece incoerente aos nossos olhos que esse indivíduo apresente um comportamento, sob determinados aspectos, irracional, apaixonado.

Basbaum ora deixa apenas transparecer ora escancara, em alguns momentos da correspondência em foco, uma contradição aguda entre suas convicções políticas e pessoais e os rumos tomados pelo partido e por seus dirigentes. Perguntamos: não seria lógico que um rompimento adviesse dessas contradições? Esse militante, contudo, demorou cerca de quarenta anos para tomar e aplicar essa decisão racional. A “dificuldade” desse comunista para romper com o PCB aparece nas cartas presentes no livro de Hersch Basbaum, destacada nos comentários feitos pelo autor sobre a correspondência de seu pai.

Minha leitura desse material fez reaparecer uma questão com a qual esbarrei durante algum tempo: por que os militantes acreditam que não podem “viver” fora do partido? Em outras palavras, por que a razão não predomina sobre a paixão? Pelo que se pode ver com a leitura das *Cartas ao Comitê Central*, o filho de Leôncio “reclama” dessa incoe-

* Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e doutor em história pela UFPR.

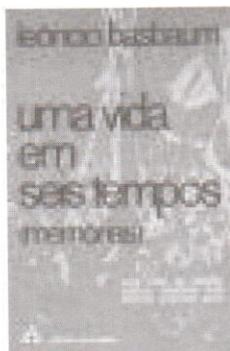
<https://doi.org/10.36311/0102-5864.20.v0n44.2133>

rência na vida do pai, ou seja, ele não conseguia de forma nenhuma romper com o partido por mais que este lhe desse todos os motivos racionais para fazê-lo.

Outro trabalho, não tão recente, também reúne parte da correspondência de outro militante comunista, Mário Pedrosa.⁴ Essas cartas foram escritas por Pedrosa para Lívio Xavier, ambos jovens militantes do PCB, no período compreendido entre os anos de 1926 e 1930. Podemos encontrar nesses documentos temas semelhantes àqueles tratados por Basbaum. O cotidiano da militância e, o mais importante, a luta travada por Pedrosa para “construir” um novo partido. Isso porque ele estava rompendo com o PCB.

Mário Pedrosa nasceu em 1900, no interior de uma família de usineiros, em Pernambuco (aliás, Basbaum também nasceu naquele estado). Ingressa no PCB à mesma época de Basbaum, através de Otávio Brandão. Pedrosa se transforma em crítico de arte, funda várias organizações e partidos políticos ao longo de sua vida (não necessariamente nessa ordem). O último deles foi o Partido dos Trabalhadores (PT), onde assinou a ficha de filiação número um. Enquanto isso, Basbaum, apesar de haver fundado outra organização política,⁵ manteve-se “fiel” ao PCB. Mas não foram apenas as diferenças que marcaram a trajetória desses dois indivíduos. Temos, também, uma semelhança marcante: Pedrosa não conseguia viver sem um partido, fosse ele um partido socialista, uma organização trotskista com cinqüenta membros, fosse ele o PT. O chamado da militância política organizada, portanto, ecoava de maneira distinta, mas enfática na vida desses dois homens.

Em minha experiência pessoal, a militância política organizada em partido ocupou um período de tempo de alguns poucos anos. Tempo suficiente, contudo, para adquirir um significativo conhecimento sobre a política e sobre os políticos e, além disso, para me colocar diante de uma série de pequenas e grandes interrogações. Pude reencontrar nas primeiras páginas de *Cartas ao Comitê Central* algumas das minhas antigas questões: por que o militante não se



desliga do partido? Por que o bom militante acredita piamente que “fora do partido não há salvação”?

Neste artigo pretendo tratar dessas questões, a partir dessa experiência pessoal e daquelas experimentadas por Leônicio Basbaum e Mário Pedrosa.

□ PARTIDO E O MILITANTE

O adjetivo “militante” tem sua origem no verbo latino *militare*. É utilizado na linguagem teológica da Idade Média, no período compreendido pelos séculos XIII e XV. Nessa acepção, o termo está estreitamente ligado à Igreja Católica e assim permanece por quatro séculos. Somente no século XIX é que o termo entra para o léxico da política. Antes disso, militante passou a designar aquele que era o soldado de milícia ou o soldado profissional.⁶

O termo “militante” percorreu, assim, um longo caminho no tempo e no interior dos léxicos religiosos e militares antes de vir a ser “militante político”. Embora aquele que nos interessa tratar seja o militante de esquerda do século XX, portanto, o militante político, salta aos olhos o fato de que existe uma continuidade entre esses três tipos de militante: o religioso, o militar e o político.⁷

As mudanças pelas quais o termo passou nos permitem afirmar que o militante político carrega consigo uma série de características comuns à religião, ao militarismo e à política. Valores como a disciplina, a eleição da causa como o principal objetivo de vida, submetendo, portanto, os outros valores morais e éticos à vitória da revolução, constituem o pano de fundo da ação desses indivíduos.

O próprio “ser” do indivíduo, ou sua identidade, é constituído por esse amálgama de fé, razão, ação, disciplina, ética, moral, etc.

A fé inabalável na vitória final é renovada nos rituais coletivos, nos quais são recolocados os termos que vão assegurar a coesão do grupo.⁸ A busca incessante pela transformação da realidade, a missão, justifica, articula, fornece o cimento para manter a ação individual do militante. Esse perfil da atividade socializa o in-



Mário Pedrosa

divíduo, íntegro e dissolve os seus aspectos público e privado, surgindo daí o “militante total”. Assim, aspectos das atividades política, religiosa e militar se entrelaçam, constituindo uma “rede” para sustentar, justificar e manter a atividade do militante no interior do partido político e diante de si mesmo e dos outros militantes.



Otávio Brandão

O Partido Comunista do Brasil, fundado em 1922, ainda sob o impulso da Revolução Russa, constituiu-se no palco onde atuaram os militantes em foco neste artigo. Em sua esmagadora maioria, os fundadores do PCB eram oriundos do movimento anarquista. Em virtude disso, o partido buscou desde o seu surgimento construir-se sob o modelo leninista, ou seja, desenvolveu um esforço “extra” para tentar eliminar de seu interior as formas anarquistas de fazer política, tendo em vista que as diferenças entre essas práticas políticas são muito marcadas. É mais preciso, talvez, falar em antagonismo.

O impulso a essa “bolchevização” do movimento operário brasileiro era alimentado pela Revolução Russa, que havia “provado” a supremacia do marxismo sobre o anarquismo. Os integrantes do PCB, portanto, pretendiam se constituir em uma vanguarda profissional, disciplinada e organizada, com a missão de resolver as questões práticas e teóricas da tomada do poder. Essa vanguarda seria calcada no modelo do partido de Lênin, o grande vencedor da revolução e da guerra civil, apesar das diferenças entre a Rússia e o Brasil, Lênin e Astrojildo Pereira. Assim, a organização, criação e construção do novo partido eram o ponto central. E ali, no centro da atividade daqueles militantes, as tarefas concretas de organização — filiações, sedes, periódicos, estrutura interna do partido — se desenrolavam.

No trabalho de Robert Michels, *Sociologia dos partidos políticos*, encontramos uma discussão sobre o tema da organização e funcionamento do partido, que nos permite compreender melhor as instituições partidárias. Relacionada ao tema dos partidos, encontramos nesse texto uma discussão da democracia representativa, ou melhor, a constatação pelo autor de sua inviabilidade técnica. Michels considera que a democracia representativa, existente através dos partidos, não pode se es-

tender no tempo, uma vez que os representantes eleitos acabam por se constituir em oligarquia, buscando atender a seus próprios interesses em vez de representar seus eleitores.

Para esse autor, temos ainda que o partido moderno é uma organização de combate, no sentido político da palavra, e, como tal, deve adequar-se às leis da tática. Esta exige, antes

de tudo, facilidade de mobilização. Essa facilidade demanda que a direção, mesmo socialista, precisa de autoridade e força suficientes para se impor. Um despotismo provisório é, portanto, necessário.⁹ Para Michels, portanto, o partido político assemelha-se a um destacamento militar. Além disso, esse mesmo partido instrumentaliza a democracia. Temos, portanto, uma democracia transformada em oligarquia e partidos transformados em instrumentos de ação dos oligarcas.

Encontramos ainda outros argumentos em *Sociologia dos partidos políticos* que reforçam a tese da militarização. Quando o autor afirma, por exemplo, que existe uma profunda semelhança entre aquilo que ele denomina de “partido democrático de combate” e o tipo de organização denominada “militar”. Para ele, uma das formas manifestas dessa semelhança vem da terminologia socialista que é retirada da ciência militar, principalmente na Alemanha, berço do principal partido socialista europeu do final do século XIX, o Partido Social Democrata (SPD). Esse jargão comum a militantes e militares é composto, por exemplo, pelas palavras “tática” e “estratégia”. Concluindo, ele diz que não há talvez nenhuma expressão de tática militar, de estratégia e de caserna, próprias do jargão militar, que não se encontrem nos artigos de fundo da imprensa socialista.¹⁰ Michels identifica, ainda, um interesse especial por parte de notórios dirigentes do socialismo alemão, como F. Engels e Bebel, pelos assuntos da assim chamada ciência militar. Essa inclinação

a democracia representativa,
existente através dos partidos,
não pode se estender no tempo,
uma vez que os representantes
eleitos acabam por se
constituir em oligarquia,
buscando atender a seus
próprios interesses em vez de
representar seus eleitores.

pelo estudo de questões relativas ao exército está longe de ser acidental nos chefes socialistas. Resulta de um instinto de afinidade eletiva.¹¹ Dessa forma, nem mesmo os partidos socialistas que se anunciam democráticos seriam capazes de implantar a democracia, uma vez que eles têm sobre si a sombra da militarização, da hierarquização e da autoridade.

Não me parece plausível aprofundar a discussão dessa questão no presente artigo, contudo, quero deixar assinalado que a revolução em muito se assemelha a uma guerra. Nesse sentido, a terminologia militar é apropriada para se pensar a ação e a prática revolucionárias. Além disso, é possível identificar também que, por distintas vias, os anarquistas e Robert Michels chegam a lugares muito próximos quando fazem a crítica da organização partidária. Ou seja, ambos afirmam que o poder corrompe...

No campo teórico do marxismo e de suas várias linhas analíticas, encontramos trabalhos que consistem em alternativas às críticas de Robert Michels sobre a impossibilidade da democracia e de partidos democráticos. Mais precisamente, se Michels conclui que a democracia é inexistente ou impossível no interior da sociedade capitalista e dos partidos políticos, inclusive os de esquerda, os marxistas procuram reforçar a tese de que a democracia começa no interior dos partidos socialistas.

Umberto Cerroni, em um de seus livros sobre partidos políticos,¹² procura resgatar as principais concepções de Antonio Gramsci sobre hegemonia e articula, de maneira diversa daquela feita por Michels, a relação entre militantes e partido. Para Cerroni, os vários partidos socialistas ou partidos operários, de forma mais geral, surgidos na Europa no século XIX, constituem-se no *protótipo histórico-teórico* dos modernos partidos políticos. Foi a partir da atividade política do partido socialista que a democracia se desenvolveu e se universalizou na Europa ocidental. Nesse caso, o militante cumpre um papel decisivo, na medida em que funciona como agente da transformação e fiador das relações democráticas no interior desse partido. Dessa forma, o partido socialista contém em seu interior uma espécie de laboratório para o desenvolvimento das



Asrojildo Pereira

atividades democráticas. Com a constituição do partido socialista em partido hegemônico, a sua democracia interna seria estendida para o conjunto da sociedade.

No que diz respeito à democracia, Cerroni chega a conclusões opostas àquelas de Robert Michels. Para o primeiro, ela pode ser conquistada a partir da ação do partido socialista, enquanto para o segundo a democracia é uma impossibilidade concreta. Contudo, além das questões relativas à possibilidade ou não da democracia, podemos encontrar alguns aspectos característicos do militante político nos trabalhos de Cerroni. A atividade disciplinada e regular com vistas a alcançar um objetivo maior do que as existências individuais, a saber, a transformação socialista da sociedade, marca o perfil do militante do partido proposto por Umberto Cerroni. E, além disso, nota-se com a leitura desse autor que o indivíduo é engolido pela instituição partidária. O partido é uma relação entre militantes e não uma soma de esforços individuais.

Em outro teórico marxista do partido político encontramos mais elementos para refletirmos sobre o militante. Em vários de seus escritos, Lênin apresenta o seu modelo de partido e de militante. Tomando como referência *O que fazer?* e *Partido de massas ou partido de vanguarda*, destaco alguns aspectos para exemplificar as principais proposições desse autor sobre o tema.¹³

As formulações leninistas sobre o partido político apontam, inicialmente, para um tipo especial de partido: o partido revolucionário. E esse partido é visto inserido em uma realidade específica, no caso, a da antiga Rússia dos czares.

Considerando-se essa base material, a proposta de Lênin se pauta pela construção de um partido de vanguarda, ou seja, uma organização política centralizada pela direção, o Comitê Central, composta por militantes "profissionais" que perseguem disciplinadamente o objetivo final, a saber, a implantação do socialismo. O funcionamento desse partido aproxima-se em muito de uma organização militar, tanto pela forma quanto pelo conteúdo das ações levadas a cabo. O militante desse partido se-

ria aquele indivíduo que conseguiu atingir um grau elevado de consciência de classe, o que faz com que ele abdique de uma vida “normal” em nome da causa revolucionária. Enquanto o conjunto da classe operária se debate na luta pela sobrevivência, a vanguarda se distingue da massa, porque integra o partido, e procura liderá-la, conduzi-la para a revolução, uma vez que conhece e domina a tática e a estratégia revolucionárias.

É esse modelo leninista de partido político revolucionário de esquerda que predominará no movimento internacional. E, no Brasil, não foi diferente. Foram as fórmulas de Lênin que orientaram aqueles militantes comunistas brasileiros, na aurora política do PCB.

“HISTÓRIA SINCERA DE UM SONHADOR”

Foi com o subtítulo acima que Hersch Wladimir Basbaum procurou condensar a biografia de seu pai, ou melhor, complementar aquilo que Leôncio Basbaum escreveu no seu *Uma vida em seis tempos*, livro autobiográfico publicado em 1976. Vemos no livro de Hersch uma espécie de defesa póstuma da memória de seu pai. Essa defesa deveu-se ao fato de que a relação de Leôncio Basbaum com o PCB foi percorrida por uma série de tensões, de distanciamentos e aproximações.

Basbaum, o pai, ingressou no PCB em maio de 1926, alterando sua vida por completo e para sempre. Como ele mesmo afirmou em suas memórias, “era como uma caixa de Pandora. Pois ela agora estava aberta. Meti-me dentro dela em busca do mundo. Mas não percebi, senão muito mais tarde, que, entrando na caixa, deixara o mundo do lado de fora”.¹⁴

Com 18 anos de idade esse jovem, recém-convertido ao comunismo, vai ocupar um lugar de destaque no interior do PCB até por volta de 1930. Já no final dos anos 1920 o partido sofre um processo de centralização política que alterará, entre outras coisas, a vida militante de seus integrantes, notadamente a dos intelectuais, grupo no qual se pode incluir Leôncio Basbaum. Desse momento em diante ele passa por uma longa experiência de marginalização.¹⁵



Robert Michels

Em carta de 11 de maio de 1942, dirigida à Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP), ele reitera sua “submissão” ao PCB: “*Cá-ros Camaradas*. Quero deixar claro o meu apoio às suas atividades de soerguimento do Partido, ao qual dei a maior parte dos meus anos de vida adulta”.¹⁶ No entanto, “Leôncio estava sendo enganado e não sabia”.¹⁷ Logo após essa data o PCB realizou a Conferência da Mantiqueira, também conhecida como II Conferência Nacional do PCB, reunião que

reorganizou o partido, sem notificá-lo. Em carta de 22 de novembro de 1943, destinada a Amílcar, vê-se que o véu da mentira se tornou transparente: “Fiquei sabendo que eles fizeram um encontro nacional, em agosto, para reorganizar o P. e não me convidaram. Gostaria de saber por quê. De quem é o P. afinal?”.¹⁸

Talvez Leôncio Basbaum nunca tenha descoberto esse “por quê”. Pode-se supor, ainda, que ele sempre soube, mas nunca ousou acreditar nos fatos. Em relação à sua segunda interrogação, para nós pelo menos, fica claro que o partido já não era mais dele. Leôncio transformara-se, havia muito tempo, em uma espécie de instrumento da organização. Quando era necessário era chamado. Quando poderia levantar questões que embaraçariam seus camaradas era esquecido. Leôncio, antes e depois desses episódios, continuou trabalhando pelo PCB. Nossa questão se recoloca: por que não rompeu com o partido que o “enganava”?

Uma das hipóteses levantadas por Hersch Basbaum para chegarmos a uma resposta é a origem judia de Basbaum. Segundo ele, a tradição do povo judeu é marcada por um espírito de liberdade e justiça bastante arraigado.¹⁹ Os judeus sempre se comportam como um corpo distinto no interior das sociedades “maiores” que os contêm. São vistos, geralmente, como subversivos. Essa possibilidade nos fala muito sobre o porquê da atividade política

Leôncio transformara-se, havia muito tempo, em uma espécie de instrumento da organização. Quando era necessário era chamado. Quando poderia levantar questões que embaraçariam seus camaradas era esquecido.

e intelectual desenvolvida por Leôncio Basbaum e por outros tantos judeus, como Marx, Trótski, ou ainda, Freud, Einstein... Porém, se a entrada de Leôncio Basbaum no PCB foi, como diria seu filho, o resultado da influência de sua cultura judia, o que não é pouco, essa hipótese torna-se insuficiente para pensarmos sua permanência na órbita partidária, apesar do conjunto de reveses que sofreu quando tentou ser “parte integrante” do partido.

Hersch Basbaum desenha outras alternativas para trabalharmos a questão. O racionalismo é o nome mais apropriado para resumi-las. Voltaremos a esta discussão mais adiante.

“SOLIDÃO REVOLUCIONÁRIA”

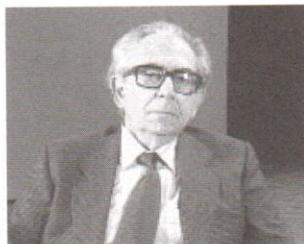
Se o texto tratado até esse momento lida com questões relativas à atividade militante, ele encontra um paralelo no livro de José Castilho Marques Neto, que apresenta as origens do trotskismo no Brasil.²⁰ Como apêndice desse trabalho o autor apresenta uma correspondência selecionada de

Mário Pedrosa a Lívio Xavier. Esses dois militantes comunistas vão se destacar, principalmente Pedrosa, na construção da oposição trotskista no Brasil.

Pedrosa, assim como Basbaum, pode ser classificado como “intelectual”, e este é um dos aspectos que permitem trabalhar a ques-

ção central deste artigo a partir da análise da correspondência desses dois militantes. Pedrosa não era judeu²¹ e rompeu com o PCB, dois aspectos de sua atividade que o distinguem de Leôncio Basbaum. Contudo, a ruptura de Mário Pedrosa com a organização comunista se deu com o objetivo de construir um *outro* partido revolucionário. Ele não fugiu dos contornos do “bom” militante, apenas seguiu-os por outros caminhos, um tanto solitários.

Mário Pedrosa manterá intensa troca de cartas com seu amigo e camarada Lívio Xavier. O conteúdo mais geral das missivas girava em torno das críticas à política desenvolvida pelos comunistas do



Umberto Cerroni

PCB e do esforço desses dois militantes no sentido de articularem a oposição trotskista no interior do partido. O período coberto por essa correspondência inicia-se em 1926, ano da entrada de Mário Pedrosa para o círculo dos comunistas, e termina em 1930, ano em que o Grupo Comunista Lênin (oposição trotskista) se

esvai. Outro aspecto importante e que distingue as fontes em pauta é o fato de que as “cartas trotskistas” eram pessoais. Enquanto Pedrosa escrevia para seu amigo, Leôncio Basbaum escreveu uma série de cartas para o Comitê Central do PCB e para dirigentes do partido, não existindo necessariamente uma relação de amizade entre os interlocutores. Neste caso, tratou-se, principalmente, de um diálogo entre o militante e a instituição partidária através de seus representantes. O período coberto pela correspondência de Basbaum inicia-se em 1930 e finda em 1956, mais uma pequena distinção entre ambas as fontes.

EPÍSTOLAS

Lembramos ao leitor que as correspondências em pauta têm destinatários diferentes. Para o partido e seus dirigentes é que Leôncio Basbaum destina seus textos. Mário Pedrosa, por seu turno, remete suas cartas para, talvez, seu maior amigo, Lívio Xavier. Verifica-se, portanto, que a forma do texto constitui uma primeira diferença significativa, diferença esta que se relaciona com as identidades existentes no conjunto desse material. Os questionamentos e as críticas apresentados pelos dois militantes em relação à prática política do partido, suas orientações teóricas e procedimentos “administrativos” aproximam os dois universos.

Ao utilizarmos a expressão “prática política” estamos falando indiretamente de um modelo de construção e ação partidária. No caso do PCB, assim como nos demais partidos comunistas, o modelo de Lênin vai se alterar ao longo dos anos 1920. Estamos nos referindo ao termo *stalinismo*. Era essa a forma política organizativa que predominava na organização na qual Basbaum e Pedrosa militaram.²²

Ao final daqueles anos, Stálin consolida seu poder na União Soviética, derrotando a principal corrente oposicionista liderada por Trótski. A partir daí, o poder de Stálin não encontrou maiores

No caso do PCB, assim como nos demais partidos comunistas, o modelo de Lênin vai se alterar ao longo dos anos 1920.

barreiras para sua expansão. Essa expansão atingiu também a assim chamada teoria revolucionária, significando no terreno concreto a transformação das idéias de Lênin sobre o partido político (partido de vanguarda) e sobre a militância (militante profissional) em *doutrina*. A partir desse momento passa a existir a fusão entre teoria e prática. A teoria é revolucionária porque emana do partido e dele emana porque ele é revolucionário. E, para amarrar as pontas desse grande círculo dogmático, o líder do partido é o mais revolucionário de todos os homens existentes no planeta, porque ele concentra na sua pessoa a teoria e a prática revolucionárias do partido que dirige.

Com a transformação da teoria em doutrina, a primeira perde seu pretioso caráter científico, e, mais significativo para o caso deste trabalho, essa transformação dispensa o partido de elaborar qualquer nova teoria. Os intelectuais do partido, daí em diante, passam a ser vistos como questionadores da doutrina e, portanto, do partido e de seu chefe, detentor de toda a “sabedoria” revolucionária.

O PCB sofreu, a partir de 1930, as influências dessa luta travada no interior do Partido Bolchevique. Com a vitória de Stálin, o partido brasileiro passa a receber uma atenção maior da Terceira Internacional, o órgão dirigente dos partidos comunistas em todo o mundo, o que leva a uma “marginalização” dos intelectuais em seu interior. É claro que essa não foi a única conseqüência. No entanto, é essa alteração na vida do partido que nos interessa destacar nesse momento.

Os dois militantes em foco eram teóricos (ou jovens intelectuais) do partido e nesse sentido sofreram as ondas de choque resultantes do embate internacional e de sua resolução a favor de Stálin. Em carta datada de 14 de dezembro de 1940, Leôncio Basbaum escreve a um camarada denominado “F.” dizendo: “Veja como são as coisas! Mataram o sujeito agora em agosto. Que Trótski era um bandido a gente sabia. Mas quão e por que nunca ficamos sabendo. [...] Mas será que era preciso matá-lo e desse jeito?”²³

Basbaum não demonstra nenhum tipo de adesão às idéias de Trótski. Contudo, mostra seu descontentamento com a forma como a solução do caso



José Castilho Marques Neto

foi encaminhada. A reação contra o partido mantém-se no terreno da crítica, sem atingir a ruptura. O militante, “em última instância”, aceita a tese de que o partido é portador de um objetivo maior que não se desfigura com o método do assassinato para a solução de uma diferença “teórica”.

Procurado várias vezes por Maurício Grabois, Leôncio Basbaum escreve para seu irmão Arthur dizendo que não pretende receber aquele novo dirigente do PCB. Afirma ainda: “– Não posso... não quero romper com o partido. Afinal, sou comunista”.²⁴ O que impede esse militante de chegar à ruptura apesar de criticar acidamente a direção do partido?

A visão de militante e sua relação com o partido aparecem de forma um pouco diferenciada nas palavras de Mário Pedrosa, em carta do início do ano de 1927: “Ando nos ares sem poder assentar nada. Uma coisa esquisita. Mas esqueço às vezes que sou comunista. Com certeza não serei nunca homem de partido, militante político. Não dou para isso, sobretudo no Brasil”.²⁵ Embora Pedrosa faça esse tipo de afirmação, ele não deixa de ser um militante político. Talvez com algumas diferenças em relação aos demais. Consideramos a principal delas o fato de que ele procurou manter uma independência intelectual em relação ao PCB e aos demais partidos e organizações políticas que ajudou a criar. Não é pouco. No entanto, Mário Pedrosa foi, ao longo de sua vida, um “construtor” de partidos e organizações, como já mencionamos. Nesse sentido, o partido também assumiu um lugar preponderante na vida desse militante político, mesmo que ele afirmasse o contrário. Assim, também para Pedrosa, o partido era o único instrumento para se chegar ao grande objetivo.

Em 1928, Pedrosa envia de Berlim uma carta datada de 14 de maio onde retoma o tema do militante:

Como podemos, na nossa posição de intelectuais do Partido no Brasil, continuar sem de nossa parte tentar definir a situação brasileira, sul-americana? Que diabo de militantes somos nós? Não podemos continuar nessa irresponsabilidade em que temos deixado o barco correr. Isso é até brincadeira. Estamos todos falhando ao nosso dever.²⁶

O dever falava mais alto. Pedrosa cobrava de seu camarada e amigo e também de si mesmo uma atitude militante. Tratava-se de ocupar o papel que lhes cabia de intelectuais do partido. Tratava-se, mais uma vez, de formular as análises sobre a realidade para orientar a ação dos demais militantes. Somente a fórmula correta permitiria alcançar o grande objetivo. Se por um lado verificamos a resistência desse comunista para executar tarefas não era porque ele considerava isso errado, mas porque não era a sua função. O intelectual elabora a linha de ação para o conjunto dos militantes executar. A lógica da relação partido-militante não se altera, pelo menos até aqui.



Maurício Grabois

PARÁBOLAS

O militante comunista, seja ele um seguidor de Stálin, seja de Trótski, não consegue vencer a lei de ferro do partido. Em nenhum dos casos os bons militantes abandonam, apesar de manifestarem esse desejo, as hostes partidárias. Mesmo no caso em que o partido se volta contra o militante, este insiste em perseguir uma espécie de “retorno do filho pródigo”.

Em carta datada de 2 de abril de 1927, dirigida a seu interlocutor privilegiado, Mário Pedrosa afirmou: “Quanto a você – gostei do tom da carta. Estás de fato messiânico (era eu que o era antes) – decidido – calmo – a revolução assentou em você. [...] A salvação é a este preço”.²⁷ Com Basbaum não é diferente: “Arthur, o camarada C. trouxe-me cópia de um documento diretamente do Olimpo e que foi apresentado pelo próprio Zeus”.²⁸ Por ironia ou sem ela, exemplos como esse, onde termos “religiosos” surgem associados à salvação/revolução, podem ser encontrados em várias passagens das correspondências em análise.

Apoiados na fé e na razão, esses indivíduos não deixam de acreditar que “fora do partido não há salvação”. E a antiga questão se recoloca: por que não rompem? Consideramos que a articulação constitutiva do fenômeno “militante político de esquerda”, que reúne o racionalismo da justiça e igualdade sociais com a fé nascida do irracionalismo religioso, amarra de tal forma esses indivíduos e lhes fornece uma certeza única: a sua atividade po-

lítica institucionalizada no partido é perfeitamente capaz de promover as transformações previstas na utopia. No sentido oposto, a sua ausência impedirá qualquer transformação. Além disso, a vida dos sujeitos, suas identidades se constituíram sobre o ser militante. A ruptura com o partido, onde a militância se concretiza, significa arrancar as raízes da individualidade e da coletividade, daquilo que dá sentido à vida dessas pessoas.

Guardadas todas as proporções, poderemos comparar o militante que rompe com o partido com o imigrante que sofre com o desterro. Depois de algum tempo distante de suas origens, já não é mais o que era e nunca conseguirá ser o que planejara ou sonhara vir a ser.

A atividade militante de Basbaum e Pedrosa era guiada pelo arsenal teórico do marxismo que foi transformado em dogma, doutrina. A partir daí o militante considera-se capaz de, através do partido, que se eleva em entidade máxima, domesticar a história. Torna-se possível, pela transformação de uma teoria em parábola iluminadora do presente, do passado e do futuro, alcançar a revolução. Esta ocupa o lugar do paraíso terrestre. Por que esperarmos a morte para encontrarmos a justiça, a igualdade e a fartura, se a mencionada revolução pode propiciar tudo isso ainda em vida?

O FILÓSOFO E O MILITANTE

Na série de artigos de Louis Althusser reunida no livro *O que não pode durar no Partido Comunista*,²⁹ encontramos uma discussão crítica sobre os desdobramentos, ou melhor, o desenvolvimento do partido em seu modelo leninista. O núcleo desse livro constitui-se de quatro artigos publicados no jornal *Le Monde*, entre 24 e 27 de abril de 1978. Althusser recorreu à imprensa “burguesa”, tendo em vista que o Partido Comunista Francês, o PCF, havia fechado as portas de seu periódico *L'Humanité* às críticas. Esse autor, ao discutir a crise aberta com a derrota das esquerdas em geral e do partido em particular nas eleições de março daquele ano, trabalha com uma série de elementos para pensarmos sobre a relação partido-militante.

Em suma, Althusser procura nos mostrar como o PCF passou por um processo de “embur-

guesamento” e “militarização”. Esse processo pode ser verificado com a hierarquização do partido, por exemplo. A partir disso, a organização deixa de ser revolucionária. Contudo, os militantes que continuaram acreditando na revolução não conseguem modificar a trajetória de seu partido, uma vez que a direção política, o Comitê Central, mantém um estreito controle sobre a base.



Louis Althusser

O conjunto da militância, na visão de Althusser, transformou-se em massa de manobra da direção partidária. O militante típico que brota desse processo é o assim chamado “permanente”, o funcionário do partido.

Esta máquina de dominação, controle e manipulação dos militantes jamais foi vista tão bem refletida em seu trabalho como através do tipo de militante que, literalmente, produz como resultado específico e insubstituível: o permanente vitalício, atado ao partido por uma lei férrea que exige a incondicionalidade em troca do sustento.³⁰

Althusser nos auxilia, portanto, a identificar como o partido consegue controlar sua base, substituindo-a quase que totalmente, quanto esta não lhe serve mais. Segundo ele afirma nos textos em pauta, o que mais existia na França eram ex-comunistas, não porque tivessem saído do partido, mas porque o partido os havia expulsado e substituído por novos, mais “crentes” na direção...

Esse filósofo militante, que também enfrentou dificuldades para romper com o PCF, mesmo tendo uma visão cristalina dos processos de manipulação utilizados pelo partido, pode ser comparado aos militantes trazidos para as páginas deste texto. O partido se burocratizou, ou melhor, se aburguesou e militarizou, mas isto não foi suficiente para levar à ruptura *in limine*. Althusser não era um “permanente”, mas também não conseguia rasgar o tecido que o amarrava ao partido. Fazia apenas, se é que esta é a melhor palavra, a crítica ao PCF. Conseguia, portanto, manter em seu discurso certos padrões éticos e morais do campo da revolução sem, contudo, chegar à ruptura.

Os militantes por nós analisados neste artigo foram “permanentes” do partido. Poderíamos su-

por, de início, que essa dependência é que os mantinha atados ao PCB. Tanto no caso de Pedrosa quanto no de Basbaum, a situação econômica não nos parece explicar a relação destes com a militância política. Não era por apego ao cargo que eles não rompiam com o partido. Basbaum tinha formas mais apropriadas para seu sustento material do que aquela oferecida pelo partido, se é que ele oferecia alguma coisa. Pedrosa, por seu turno,

rompeu com o PCB trinta anos antes de Basbaum. Esses dois militantes, com certeza, não se encaixam no perfil do “permanente” de Althusser. Por outro lado, o fato de que o partido transformou sua base em massa de manobra parece auxiliar nosso esforço para responder à questão em pauta. A compreensão desse processo de manipulação das bases pela direção ajuda-nos a compor o quadro que necessitamos para nos aproximarmos da resposta. Contudo, alguma coisa parece faltar para desvendarmos o conjunto do mistério dessa relação partido–militante.

A articulação dos pontos até aqui apresentados com a idéia de *ilusão*, presente na obra de François Furet, parece fornecer uma espécie de “acabamento” para a resposta de nossa questão central.³¹ Para esse autor, é difícil justificar a ação dos militantes comunistas ao longo de décadas sem a existência de uma ilusão fundante que fez com que milhões de pessoas justificassem os crimes mais hediondos em nome da URSS e dos PCs no mundo todo.

A ilusão não “acompanha” a história comunista: é constitutiva dela; ao mesmo tempo independente de seu curso, enquanto prévia à experiência, e, no entanto, submetida às suas vicissitudes, uma vez que a verdade da profecia se mantém dentro dos limites do seu desenrolar-se. Ela tem sua base na imaginação política do homem moderno e, contudo, está sujeita ao remanejamento constante que as circunstâncias lhe impõem, como condição de sua sobrevivência. Ela faz da História seu alimento cotidiano, integrando continuamente à crença tudo o que ocorre. Assim se explica que ela só tenha podido desaparecer pelo desaparecimento daquilo de que se nutria a sua substância: crença na salvação pela História, ela só podia ceder a um desmentido radical da História, que tirasse sua razão de ser ao trabalho de remendagem inscrito em sua natureza.³²

Esse autor articula, assim como nós procedemos, razão, religião e política. Além disso, existe no universo da militância comunista uma crença racional na história. Esta seria constituída por um desenrolar quase mecânico dos fatos. A revolução coroaria esse processo.

Talvez a articulação dos termos “fé” e “razão”, como fizemos ao longo deste texto, não nos dê a resposta completa para nossa questão. Embora a religião e seus termos perpassem o discurso dos comunistas, assim como aqueles relativos à técnica militar e à verdade científica sobre o desenvolvimento histórico, cremos que a palavra que sintetiza o problema é “certeza”. A certeza da revolução transforma-se assim no motor da história, pelo menos a história de vida desses militantes. Essa certeza absoluta impede que o militante abandone a ligação com seu Deus máximo, o partido revolucionário. Desligar-se dele significaria perder a identidade, as raízes. O chão deixaria de existir sob seus pés. Essa certeza, porém, é tão forte e concreta que é, ao mesmo tempo, uma ilusão. A fé na vitória final, ou a certeza dela, move os militantes para, em seu nome, permanecerem submetidos ao partido. Fora dele não há salvação, apenas solidão.

NOTAS

- 1 Hersch Wladimir Basbaum, *Cartas ao Comitê Central: história sincera de um sonhador* (São Paulo: Discurso Editorial, 1999).
- 2 Leôncio Basbaum, *Uma vida em seis tempos: memórias* (2ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1976).
- 3 *Ibid.*, pp. 13-19.
- 4 José Castilho Marques Neto, *Solidão revolucionária: Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993).
- 5 Leôncio Basbaum fundou o Movimento Unitário do Povo Brasileiro (MUPB), depois de sua saída do PCB, em 1962. “Esse ano, contudo, marca a ruptura definitiva de sua ligação com o Partido que se estendeu por vários anos, como sabemos. Note-se que essa ruptura, entretanto, não implica abandono de sua ‘missão’” (cf. Hersch Wladimir Basbaum, *Cartas ao Comitê Central: história sincera de um sonhador*, cit., p. 189).
- 6 Nelson Rosário de Souza, *A igreja católica progressista e a produção do militante. Cartografia de uma afinidade eletiva político-religiosa*, dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Sociologia (São Paulo: FFLCH-USP, 1993).
- 7 Alcir Lenharo, *Sacralização da política* (2ª ed. Campinas: Papirus, 1986).
- 8 Émile Durkheim, “As formas elementares da vida religiosa”, em *Durkheim*, Coleção Os Pensadores (2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983), pp. 201-245.
- 9 Robert Michels, *Sociologia dos partidos políticos* (Brasília: Ed. UnB, 1982), p. 27.
- 10 *Ibid.*, p. 28.
- 11 *Ibidem*.
- 12 Umberto Cerroni, *Teoria do partido político* (São Paulo: LECH, 1982).
- 13 Cf. V. I. Lênin, *Que fazer? As questões palpitantes do nosso movimento* (São Paulo: Hucitec, 1979); e também o texto que reúne o debate de Lênin com Rosa Luxemburgo: Rosa Luxemburgo & Lênin, *Partido de massas ou partido de vanguarda* (São Paulo: Ched, 1981).
- 14 Hersch Wladimir Basbaum, *Cartas ao Comitê Central: história sincera de um sonhador*, cit., p. 44.
- 15 Alguns militantes do PCB, em seus livros de memórias, cunharam o termo “obreirismo” para designar o processo acima mencionado. Uma vez “resolvidas” as dissidências internas no PCUS e na Terceira Internacional, com a derrota do trotskismo (a mais importante delas), esta última voltou seus olhos para os outros partidos. No caso do PCB tratava-se de eliminar as influências pequeno-burguesas na definição da linha política do partido através da erradicação dos intelectuais (que, em grande parte, além de intelectuais eram ex-anarquistas) da sua direção, o Comitê Central, e substituí-los por operários, estes sim verdadeiros revolucionários ou, se preferirmos, revolucionários por definição. Daí o uso do termo “obreirismo”. Esta discussão, enfim, será retomada a seguir.
- 16 Hersch Wladimir Basbaum, *Cartas ao Comitê Central: história sincera de um sonhador*, cit., p. 95.
- 17 *Ibid.*, p. 96.
- 18 *Ibid.*, p. 97.
- 19 Segundo Hersch, à página 38 de seu livro, encontramos a quintessência do judaísmo nas palavras do Rabi Eliezer (Hillel), que, na sua forma completa, é o poema que segue: Im ein ani li / Palavras do Rabi Hillel Im ein ani li, mi li? (Se eu não for por mim, quem será por mim?)/Uk'she ani le atzmi, ma ani? (E se eu for só por mim, o que serei eu?) / Ve im lo achshav, eimatai? (E se não for agora, então quando?) (Versos e tradução retirados do encarte do CD Cantigas, da cantora Fortuna). Valoriza-se a liberdade individual e coletiva na “quintessência do judaísmo”...
- 20 José Castilho Marques Neto, *Solidão revolucionária: Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil*, cit.
- 21 Se era, esse aspecto de sua origem nunca foi assinalado por ele ou pelos estudiosos de suas atividades políticas.
- 22 Existe um número relativamente grande de trabalhos que fazem uma crítica dos partidos comunistas sob o comando de Stálin. Das obras de Leon Trótski ao livro de Hersch Basbaum sobre seu pai, Leôncio Basbaum, que me serve de fonte. Optei por “utilizar” a mesma argumentação utilizada por este último autor para esta passagem de meu texto. Informo que Hersch Basbaum utiliza como referência básica o seguinte texto de João Quartim de Moraes, “A influência do leninismo de Stálin no comunismo brasileiro”, em Daniel Aarão Reis Filho et al. (orgs.), *História do marxismo no Brasil*, vol. I (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991), pp. 47-87.
- 23 Hersch Wladimir Basbaum, *Cartas ao Comitê Central: história sincera de um sonhador*, cit., p. 93.
- 24 *Ibid.*, p. 98.
- 25 José Castilho Marques Neto, *Solidão revolucionária: Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil*, cit., p. 272.
- 26 *Ibid.*, p. 292.
- 27 *Ibid.*, p. 276.
- 28 Hersch Wladimir Basbaum, *Cartas ao Comitê Central: história sincera de um sonhador*, cit., p. 150.
- 29 Louis Althusser, *Lo que no puede durar en el Partido Comunista* (Madri: Siglo Veintiuno, 1978).
- 30 *Ibid.*, p. 69.
- 31 Cf. François Furet, *O passado de uma ilusão: ensaios sobre a idéia comunista no século XX* (São Paulo: Siciliano, 1995).
- 32 *Ibid.* p. 12.